

COMPOSTOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DA INTERFACE FONOLOGIA- MORFOLOGIA-SINTAXE

Taís BOPP DA SILVA

Professora adjunta da Universidade Federal de Pelotas, Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: taisbopp@gmail.com

Resumo

No presente artigo, trabalhamos a partir da ideia de que a formação de palavras compostas é um fenômeno de interface, na medida em que envolve informação de natureza fonológica, morfológica e sintática. Nosso objetivo geral é prover uma gramática não modular dos compostos, mostrando a interação entre fatores dos diferentes componentes. Utilizamos como referencial teórico a Fonologia Prosódica e a Teoria da Otimidade, que nos permitem fazer algum grau de referência simultânea aos três componentes gramaticais supracitados. Em âmbito mais específico, examinaremos: (1) o modo como o composto se distingue prosodicamente de uma sequência de palavras que forma um constituinte maior que o vocábulo; (2) o custo para a Fonologia Prosódica acarretado pela inclusão de novos elementos na hierarquia; (3) a distinção entre composição e derivação; (4) a diferença entre compostos e sintagmas, do ponto de vista sintático e (5) as restrições envolvidas em uma análise em paralelo dos compostos. A hipótese que norteia nossa pesquisa é de que os compostos possuem estrutura própria que os diferencia de outras unidades prosódicas, morfológicas e sintáticas. Essa estrutura é formalizada por meio da violação de uma restrição que proíbe a recursividade de categorias prosódicas e de outras restrições que demandam alinhamento entre categorias prosódicas e morfossintáticas.

Palavras-chave

compostos; formação de palavras; hierarquia prosódica; restrições de dominância prosódica; restrições de alinhamento

Introdução

Dentro do campo de estudos sobre formação de palavras, o fenômeno composicional, tradicionalmente, é aquele que recebe menor atenção dos pesquisadores. Estudos sobre prefixação e sufixação representam a tônica desse campo. Aos compostos, em geral, é destinado papel de coadjuvante em trabalhos que têm como foco fenômenos de outra natureza.

Ainda que esse quadro venha, aos poucos, se modificando internacionalmente, com a recente e crescente publicação de trabalhos que tratam exclusivamente da composição nas mais variadas línguas, o conjunto de análises sobre compostos no português brasileiro (doravante PB) é ainda pouco robusto.

Tendo em vista esse quadro, pretendemos, primeiramente, debater o fenômeno composicional, dedicando a ele espaço exclusivo e, ao mesmo tempo, contribuir para ampliar a literatura sobre a formação do composto no PB.

Entendemos que o escasso número de estudos acerca das palavras compostas se deva principalmente à natureza desse processo de formação. Na composição, estão implicados fenômenos de natureza fonológica, morfológica e sintática. Acontece, no entanto, que muitos estudos privilegiam apenas um dos componentes gramaticais, desconsiderando os efeitos das fronteiras entre esses componentes para a descrição das palavras compostas.

Nesse estudo, consideramos a formação de palavras compostas como um processo em que estão envolvidos aspectos dos componentes fonológico, morfológico e sintático¹. Não postulamos, contudo, que, nessa interação, os diferentes constructos sejam isomórficos, ou seja, não pressupomos relação de um para um entre palavra morfológica, palavra fonológica e palavra sintática. Do contrário, temos como pressuposto a não correspondência entre essas categorias, mas entendemos que em algum ponto elas revelam interação.

Tendo, pois, como objetivo empreender uma análise da composição que leve em conta a simultaneidade de fenômenos correspondentes aos três componentes acima citados, a pergunta que colocamos é: *como formalizar uma gramática dos compostos, considerando a interação entre fonologia, morfologia e sintaxe?*

Ponto de partida

Perseguindo o objetivo de implementar uma análise para os compostos do PB que permita visualizar a interface entre fonologia, morfologia e sintaxe, buscamos, na literatura, outros estudos sobre composição pautados na relação que a morfologia estabelece com a fonologia e a sintaxe.

Lee (1995, 1997), ao discutir a interface entre a fonologia e a morfologia no PB, dedica atenção às palavras compostas dessa língua. A partir da con-

¹ Questões da ordem semântica não constituem foco em nosso trabalho, mas serão abordadas quando necessárias.

cepção de um léxico ordenado em níveis, Lee postula dois diferentes tipos de compostos: os compostos lexicais, aqueles que nascem no léxico, e os compostos pós-lexicais, os quais se originam na sintaxe. Um dos fatores que definem cada tipo de composto é a natureza das operações flexionais e derivacionais que se aplicam às formações. Os compostos lexicais são aqueles cujas marcas de flexão e de derivação são anexadas na periferia da palavra. Postula Lee que o sufixo na borda do composto é um indício de que a construção funciona como um objeto lexical quando do recebimento dos morfemas. Nesse sentido, por exemplo, a anexação do morfema de plural na borda direita, como em *rádio-táxis*, em vez de *rádios-táxis*, seria explicada porque essa palavra tem sua origem no léxico e não na sintaxe. Compostos pós-lexicais, por sua vez, são aqueles que surgem na sintaxe. Evidência trazida por Lee para estabelecer origem sintática para esses compostos toma como base a localização de seus morfemas de flexão e derivação, que podem aparecer internamente, como em *guardinha-noturno*, ou multiplicadamente, conforme *cachorros-quentes*, refletindo comportamento sintático.

O trabalho de Lee representa um grande passo em direção ao reconhecimento da interação de diferentes componentes na formação dos compostos. Contudo, o fato de sua análise ser filiada à perspectiva da Fonologia Lexical – que concebe um léxico estratificado e a separação entre morfologia e sintaxe – traz todo o inconveniente da postulação de níveis para o exame dos compostos.

Uma análise alternativa é a de Moreno (2002). Contestando o postulado de Lee, de que compostos se originam em lugares diferentes na gramática, Moreno elenca uma série de evidências para sustentar que os compostos têm origem unicamente no componente sintático. Entretanto, por não conseguir enquadrar em uma classificação regular os compostos que apresentam oscilação em seu comportamento, o autor lança mão de um mecanismo especial, o *loop*.

Compostos com duplo comportamento, ou seja, aqueles que evidenciam origem sintática, porque apresentam flexão interna, e, ao mesmo tempo, possuem caráter lexical, por apresentarem derivação periférica, são tratados como “compostos lexicalizados” por Lee. É caso, por exemplo, de *pão-duro*, que, de acordo com o autor, se pluraliza como *pães-duros* e forma o substantivo *pão-durismo*. Moreno, a fim de sustentar sua análise, mantém os chamados compostos lexicalizados na sintaxe, onde recebem as regras de flexão, interna e, para explicar o fenômeno de derivação periférica, se utiliza do *loop*, mecanismo através do qual o composto, depois de ser gerado na sintaxe, é alçado ao léxico para receber afixação como palavra.

O estudo de Moreno, se logra alcançar uma análise mais uniforme, na medida em que postula para todos os compostos uma origem sintática, o faz utilizando um dispositivo muito particular para dar conta de compostos com duplo comportamento. Tal dispositivo repete, na análise do autor, o problema da referência a níveis.

Outros estudos que representam avanços no exame da composição são Peperkamp (1997) e Vigário (1999, 2003, 2006). O estudo de Peperkamp é

um dos pioneiros no tratamento da composição sem fazer referência a níveis ordenados. Ao tratar dos compostos do italiano, a autora apresenta rankings de restrições que avaliam a sua prosodização. Os compostos a que a autora denomina “familiares” são aqueles que se reestruturaram como uma única palavra prosódica, perdendo vestígio de acento de um de seus elementos, como *r[ε]ggiseno* (“sutiã”), que passa a *r[e]ggiseno*, com levantamento da vogal média baixa. Ainda que a interação entre morfologia e fonologia seja muito bem explicitada por Peperkamp, a fronteira entre objetos puramente sintáticos e composição é um ponto que fica por explorar em seu trabalho.

Vigário (1999, 2003, 2006), que, tal como Peperkamp, também trata da prosodização dos compostos, propõe uma análise que discute, entre outros aspectos, os limites entre composição e construções sintagmáticas, buscando um lugar para os compostos dentro da hierarquia prosódica. Para isso, a autora recorre à criação de novos constituinte prosódicos. Nos trabalhos de 1999 e 2003, Vigário propõe a Palavra Prosódica Máxima, que constitui uma categoria recursiva — diferente da palavra prosódica regular — onde se enquadram os compostos. Já no estudo de 2006, esse grupo é revisto e, então, é proposto o Grupo de Palavra Prosódica, que contempla, em uma mesma categoria, a palavra prosódica regular, o grupo clítico e o composto. A motivação que leva a autora a postular um novo constituinte na hierarquia é a observância ao princípio regulador que proíbe a recursividade de seus constituintes. A questão da recursividade, de que trata Vigário, é uma questão que também nos é cara. A solução trazida pela autora, contudo, suscita uma pergunta: até que ponto a necessidade de obediência a um princípio de boa formação da hierarquia prosódica justifica a criação de uma nova categoria cuja evidência é atestada em poucas línguas?

Pressupostos teóricos

A análise que propomos é, primeiramente, uma análise morfofonológica. Buscamos verificar como se dá a interação entre os processos morfológicos e fonológicos na formação do composto. Uma vez que temos em mente que a composição também traz reflexos da sintaxe, buscamos, do mesmo modo, lançar um olhar sobre esse componente.

Isso posto, fica evidenciado que concebemos o composto como uma formação híbrida, da qual participam fonologia, morfologia e sintaxe. Nosso objetivo, nesse artigo, é tentar captar os pontos de intersecção entre esses três componentes, formalizando uma análise de interfaces da palavra composta.

A Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986) e a Teoria da Otimidade (Prince e Smolensky, 1993; McCarthy e Prince, 1993) nos parecem modelos bastante adequados para os nossos fins.

A primeira das duas teorias nos permite olhar para fenômenos atinentes ao acento no âmbito de constituintes que podem coincidir com categorias morfossintáticas. O isomorfismo entre categorias prosódicas e categorias mor-

fossintáticas não é uma premissa dessa teoria; contudo, há casos, por exemplo, em que a categoria sílaba pode vir a coincidir com morfemas (a exemplo de *pré-* e *pós-*), ou em que morfemas venham a coincidir com a categoria palavra prosódica (caso de *-mente*, *-zinho*). A hierarquia prosódica é regulada por princípios de boa formação. Dentre esses, destacamos aqui o princípio de *exaustividade* — segundo o qual uma dada categoria na hierarquia deve estar exaustivamente contida dentro da categoria superordenada — e o princípio de *não recursividade* — que prevê que uma determinada categoria seja composta apenas por unidades da categoria imediatamente mais baixa, sendo proibidos elementos contidos dentro da mesma categoria de que fazem parte ou dentro de categorias mais baixas. A questão da violabilidade desses princípios é ponto fundamental em nossa discussão.

A utilização da Fonologia Prosódica não é novidade na análise dos compostos. Peperkamp e Vigário, mencionadas anteriormente, discutiram, sobretudo, a questão da recursividade da palavra prosódica na tentativa de representar prosodicamente os compostos.

A Teoria da Otimidade (TO), de que também fazemos uso, busca formalizar fenômenos gramaticais sem utilizar passos derivacionais entre o input e o output, ou seja, permite a formalização em paralelo.

Na formalização de um fenômeno no âmbito da TO, não pressupõe a manipulação de regras seriadas. Passa-se, agora, a operar com restrições co-atuantes, cuja função é banir estruturas marcadas na língua ou muito distantes da forma de input. Juntamente com o pressuposto de paralelismo, que avalia a um só tempo candidatos a uma forma de output, está a ideia de não modularidade. Por essa ideia, entende-se que fonologia, morfologia e sintaxe deixam de ser módulos independentes, ou mesmo níveis, passando a ser concebidos como componentes que estão em interação. Dentro da Teoria da Otimidade, as restrições de alinhamento generalizado refletem de modo especial a interação entre unidades de natureza prosódica com outras de natureza morfossintática. Assim, por exemplo, uma restrição como *Align (Stem-L; Foot, L)*, proposta por Kager (1997), demanda que a borda esquerda de um dado radical esteja alinhada com a borda esquerda de um pé, fazendo referência aos componentes morfológico e fonológico simultaneamente.

Dado que a concepção de *palavra* não se esgota no terreno de um único componente da gramática, ou seja, tendo em vista que definir palavra implica olhar simultaneamente para aspectos não apenas morfológicos, mas fonológicos e sintáticos, essas duas teorias trazem instrumentais que permitem grandes avanços para a análise da formação dos compostos, que é um processo híbrido por excelência.

Objetivos específicos

O problema da representação prosódica do composto e a questão da interação entre fonologia, morfologia e sintaxe são os pontos que norteiam nosso

trabalho. A partir daí, desdobram-se as questões abaixo listadas, as quais trazem nossos objetivos específicos.

(a) A partir da perspectiva da hierarquia prosódica, como diferenciar uma sequência de palavras que formam juntas um composto de uma sequência idêntica que forma um sintagma?

(b) Como sustentar uma análise do composto na hierarquia prosódica, tendo em vista os princípios reguladores de tal hierarquia?

(c) Em que medida o processo de composição e o processo de derivação se aproximam e se afastam?

(d) Como distinguir composição e sintagmas, do ponto de vista da sintaxe?

Os compostos sob a perspectiva dos diferentes componentes gramaticais

Na presente seção, apresentamos problemas de formalização da estrutura composicional. Serão abordadas questões que perturbam as representações do composto dentro dos diferentes componentes da gramática e na interação entre eles.

a. Problemas fonológicos

Antes de adentrarmos na fonologia, convém lembrar que, do ponto de vista morfológico, o composto é formado por duas bases², a exemplo de *pão-duro*. Cada uma das bases, em *pão-duro* ou em outros tantos compostos, é portadora de um acento primário, constituindo, assim, palavras prosódicas independentes. Ora, a palavra, sob o prisma da fonologia, se caracteriza por ser portadora de, no máximo, um acento, e o composto em questão apresenta dois acentos. Apesar das duas proeminências, *pão-duro* constitui uma única palavra do ponto de vista morfossintático, ou seja, é um único átomo sintático.

A questão que se levanta, então, é como dar conta da diferenciação entre sequências sintagmáticas e compostos dotados de dois acentos:

(1)

- | | |
|--|------------------|
| (a) É impossível mastigar este <i>pão duro</i> . | GRUPO SINTÁTICO |
| i. [[pão] _ω [duro] _ω] _φ | |
| ii. [[pão] _N [duro] _A] _{NP} | |
| (b) João é <i>pão-duro</i> quando a questão é finanças. | PALAVRA COMPOSTA |
| i. [[pão] _ω [duro] _ω] _ω | |
| ii. [[pão] _N [duro] _A] _A | |

Nosso objetivo, aqui, é prover uma formalização prosódica para elementos que se caracterizam como um átomo sintático, na medida em que ocupam uma única posição na cadeia sintagmática, e que, ao mesmo tempo, caracterizam-se como duas palavras prosódicas por apresentarem dois acentos — caso de 1 (b).

² Adotamos como notação o símbolo β para representar a base.

Esse tipo de estrutura não está previsto na hierarquia prosódica. Elementos adjacentes dotados de acento, em geral, se filiam a frases fonológicas (ϕ), como é o caso de 1 (a.i). Morfossintaticamente, no entanto, *pão duro* em 1 (a) e em 1 (b) são diferentes. Pensamos que essa diferença deveria estar refletida na hierarquia prosódica; contudo, sabemos que não há, nessa hierarquia, uma categoria que possa refletir a prosodização de 1 (b), o composto.

Uma solução seria agrupar os integrantes da palavra composta como palavras prosódicas dentro de um constituinte rotulado por outra palavra prosódica, como em 1 (b.i). No entanto, o princípio de não recursividade, que não admite constituintes formados recursivamente, nos impede, por ora, de tomar essa decisão para a caracterização desses compostos.

b. Problemas morfológicos

A questão da recursividade, que se relaciona aos compostos que apresentam dois acentos, também tem ligação com a caracterização de algumas palavras derivadas.

A maior parte dos derivados do PB se estrutura sob um único acento, constituindo uma única palavra prosódica. Evidencia-se, nesses casos, uma relação de um para um entre o átomo sintático e a palavra prosódica. Em outros casos, porém, essa relação isomórfica não é encontrada; é o caso de palavras derivadas a partir de sufixos acentuados. Vejamos os exemplos abaixo, a título de ilustração.

(2)

(a) [beleza] ω	DERIVADOS DOTADOS DE UM ACENTO
(b) [bela] ω [mente] ω	DERIVADOS DOTADOS DE DOIS ACENTOS

A estrutura 2 (b) apresenta acento na base e no sufixo. A evidência para o acento da base encontra-se na manutenção da sua vogal média. Em 2 (a), diferentemente, a vogal média sofre um levantamento, indicando que o acento deslocou-se dali para a vogal seguinte.

Sob a perspectiva morfológica, 2 (b) é uma palavra derivada. Não constitui um composto porque não se trata de junção de bases, mas de acréscimo de um sufixo a uma base³. Pela via da fonologia, entretanto, esse mesmo vocábulo é um vocábulo composto, pois é formado por dois acentos. Trata-se de um composto fonológico que evidencia uma relação não isomórfica com sua descrição morfossintática, uma vez que apresenta duas palavras fonológicas para uma única palavra morfossintática.

Temos aqui, novamente, o problema da ordem da delimitação de terrenos; problema esse que, agora, está relacionado com questões de representação

³ Consideramos que a interpretação de *-mente* como substantivo *mente* (do latim “mens”) é informação puramente diacrônica. Palavras formada com esse sufixo, portanto, constituem, do ponto de vista morfológico, derivados e não compostos.

dos diferentes derivados na hierarquia prosódica. A primeira questão é sobre como podemos formalizar a diferença entre os derivados fonologicamente simples, caso de 2 (a), e derivados fonologicamente compostos, representados por 2 (b). Essa questão implica a busca de uma solução para representar prosodicamente os compostos como 2 (b), solução que não nos parece simples, visto que, novamente, temos de lidar com a estruturação recursiva do vocábulo. O segundo problema nos é apresentado quando confrontamos a composição regular, caracterizada pela união de diferentes bases, nos casos em que são dotadas de dois acentos, (como *pão-duro* ou *mesa-redonda*), e a composição puramente fonológica (caso de *belamente* ou *cafezinho*). Prosodicamente, ambas as formações têm a mesma estrutura; que aspecto seria, então, responsável pela sua diferenciação?

c. Problemas sintáticos

Compostos apresentam, na cadeia sintagmática, distribuição de átomo sintático, ou seja, de palavras independentes. O composto constitui um conjunto permutável por qualquer outro átomo sintático no eixo paradigmático. Isso quer dizer que ele pode ser substituído, observando o contexto, por palavras simples:

- (3)
- Participaremos da mesa-redonda.
palestra
aula

Dada a distribuição equivalente à do vocábulo simples, esperar-se-ia que compostos estivessem sujeitos apenas a regras características da palavra. Assim, toda operação de flexão e de derivação seria efetuada na periferia da formação composta. É fato, contudo, que um número considerável de compostos evidencia morfemas flexionais e derivacionais em seu interior e casos de dupla flexão.

- (4)
- | | |
|---|-------------------|
| (a) Foi uma <i>mesinha</i> -redonda medíocre. | DERIVAÇÃO INTERNA |
| (b) O evento está repleto de mesas-redondas. | DUPLA FLEXÃO |

O que os exemplos acima nos mostram é que há compostos que são transparentes para regras sintáticas. Isso tem como consequência uma duplicidade em seu comportamento: sua distribuição na cadeia sintagmática espelha comportamento de palavra, mas, ao mesmo tempo, sua constituição interna reflete similaridade com a estrutura sintática porque operam, entre seus constituintes, regras de flexão e de derivação.

(5)

(a) [mesas] X⁰ [redondas] X⁰

(b) [[mesas] [redondas]]X⁰

Quanto a operações morfológicas, temos em 5 (a) duas palavras independentes e, em 5 (b), um composto. No primeiro caso, é possível observar que, em cada átomo sintático, uma operação de flexão foi realizada em contexto periférico. Já no segundo caso, em que temos um composto, o átomo sintático apresenta duas marcas de flexão, uma na borda esquerda da unidade e outra interna a ela. A representação em 5 (b) apresenta-se ambígua, pois, enquanto o X⁰ indica que o composto tem distribuição de uma única palavra, as marcas de plural evidenciam característica de sintagma.

Tendo em conta, pois, essa ambiguidade, devemos buscar um meio de formalizar a diferença entre compostos e estruturas sintagmáticas. Nesse ponto, é importante lembrar que trata-se, aqui, de buscar uma distinção do ponto de vista sintático; a questão da caracterização prosódica já foi apresentada na seção sobre problemas fonológicos.

Análise

Nossa proposta de análise é baseada numa concepção de palavra composta como formação híbrida, em que interagem fonologia, morfologia e sintaxe. A partir dos pontos problemáticos apresentados na seção anterior, ficou evidenciado que não existe isomorfismo entre esses três componentes no processo de composição.

Nosso estudo não se propõe a solucionar o problema da falta de isomorfismo entre os três componentes, mas sim formalizá-lo. Nosso objetivo maior é demonstrar os pontos de convergência entre fonologia, morfologia e sintaxe, ou seja, a interface entre esses três componentes na formação das palavras compostas.

Para tanto, é necessário que façamos uso de modelos teóricos que nos possibilitem conceber uma gramática sem a separação total de seus componentes. Vimos que a Teoria da Otimidade é adequada aos nossos objetivos, por romper com a noção de modularidade. Além disso, a TO apresenta mais três características, já apontadas por Collischonn e Schwindt (2003), que serão fundamentais para o desenvolvimento de nossas ideias. Uma dessas características é a *universalidade*; ou seja, as restrições por meio das quais os candidatos a uma forma de output são avaliados devem ter caráter universal, tendo validade para analisar fenômenos de todas as línguas, e não apenas de línguas particulares. As restrições, ao contrário das regras, são igualmente violáveis, o que confere *uniformidade* às análises empreendidas pela TO. O pesquisador, ao manipular modelos que se utilizavam de regras, tinha de lidar com o embaraço de prover explicações *ad hoc* para casos em que regras não se aplicavam. Restrições, ao contrário de regras, têm sua não atuação prevista dentro mesmo de sua natureza.

Todas restrições, porque universais, estão presentes em toda e qualquer língua e todas, uniformemente, são passíveis de serem obedecidas ou violadas. Sua atuação em uma determinada gramática vai ser determinada pelo lugar em que ocupa perante outras restrições, com relação a um determinado fenômeno. Essa concepção é importante porque o que passa a caracterizar as diferentes línguas é o estatuto das restrições em sua gramática (se ativas, inativas; se obedecidas ou violadas), e não mais uma maquinaria composta por regras, restrições, e princípios de boa formação. Esse aspecto é fundamental porque confere *economia descritiva* às análises empreendidas pela TO.

Universalidade, uniformidade de análise e economia descritiva são aspectos importantes a se considerar na proposta de uma análise dos compostos. Princípios de boa formação que, como regras, pressupõem obediência, nem sempre são respeitados universalmente. Se fossem concebidos como restrições violáveis, contudo, o fato de não serem obedecidos em algumas línguas seria previsível.

Tendo isso em mente, Selkirk (1995) redesenhou os princípios de boa formação da hierarquia prosódica, a fim de fazê-los atuar como restrições violáveis para a análise das palavras funcionais do inglês e do servo-croata. O conjunto de restrições fundamentadas nesses princípios de boa formação foi denominado por Selkirk de Restrições de Dominância Prosódica (RDPs). Para os objetivos de nossa análise, faremos uso das restrições Exaustividade e Não Recursividade⁴. Enquanto restrição, Exaustividade requer que categorias prosódicas tenham filiação, e Não Recursividade traz a exigência de que uma dada categoria não domine elementos da mesma categoria prosódica. Tomaremos emprestadas essas restrições para nossa análise, visto o nosso propósito de descrever prosodicamente os compostos tendo em mente os problemas que os princípios de boa formação nos apresentam.

Juntamente com as RDPs, faremos uso das restrições de alinhamento, já mencionadas em seção anterior. Esse tipo de restrição, que demanda alinhamento de bordas de categorias prosódicas e morfossintáticas, nos permite espelhar a relação da fonologia com a morfologia e com a sintaxe, nos casos, por exemplo, de palavras que são composicionais apenas do ponto de vista prosódico e não morfossintático.

Passemos, então, à análise propriamente dita. Por uma questão de organização, exploraremos aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe, nessa ordem. Começemos, pois, pela fonologia.

Na fonologia, a grande questão que se coloca é sobre o estatuto prosódico dos compostos dotados de dois acentos. O princípio de exaustividade demanda que os membros do composto, que são individualmente mapeados como palavras prosódicas, sejam rotulados em conjunto, sob um constituinte maior.

⁴ O conjunto das chamadas Restrições de Dominância Prosódica, proposto por Selkirk (1995), é composto pelas restrições *Layeredness*, *Headedness*, *Exhaustivity* e *Nonrecursivity*. Para nossa análise, apenas as duas últimas serão relevantes.

Para suprir essa demanda, há duas opções: uma delas é agrupar esses elementos dentro da categoria imediatamente maior, a frase fonológica; a outra opção é agrupá-los dentro de um constituinte rotulado como palavra prosódica. O problema, no primeiro caso, é que a estrutura rotulada sob a frase fonológica serviria para refletir, por igual, elementos relacionados sintaticamente. E justamente a diferenciação entre sintagmas e compostos é o que buscamos formalizar. Na segunda opção, o composto se diferencia da estrutura sintagmática, mas sob o custo de ferir a exigência de não recursividade.

Descartamos a primeira opção porque não podemos admitir estrutura idêntica para o composto e o sintagma. Resta-nos considerar os dois princípios de boa formação, agora em forma de restrições violáveis, e decidir o que é menos grave: estruturas não escandidas ou estruturas recursivas. Vejamos o tableau abaixo.

(6)

Palavra Composta: Palavra Prosódica Recursiva

/[pão] [duro]/	Exaustividade	Não Recursividade
a. [pão] _ω [duro] _ω	*!	
☞ b. [[pão] _ω [duro] _ω] _ω		*

O tableau nos mostra que a estrutura recursiva é preferível à estrutura não escandida, ou seja, com elementos sem filiação. Ora, um constituinte prosódico não terminal sem filiação alguma perde a característica da dominância, que é o que faz da hierarquia prosódica, de fato, uma hierarquia. Isso reserva lugar mais alto no ranking à restrição Exaustividade comparativamente à restrição Não Recursividade.

A fim de driblarmos o já mencionado problema da identidade de estrutura entre sintagma e composto — com que nos depararíamos ao agruparmos os membros do composto sob o nó de frase fonológica — e também o problema da falta de filiação prosódica de 6 (a) — caso propuséssemos obediência a Não Recursividade —, assumimos que a palavra composta em PB constitui-se como uma palavra prosódica recursiva. Uma vez que passamos a conceber Não Recursividade não mais como um princípio a ser obedecido, mas como uma restrição passível de ser violada, uma estrutura recursiva já não representa um grande problema para a formalização dos compostos.

A palavra prosódica recursiva também é realidade presente no universo das palavras derivadas. Formações contendo sufixos acentuados, tal como os compostos vistos acima, constituem formações recursivas. Esses casos representam palavras fonologicamente compostas porque base e sufixo são acentuados; a base mantém a sua independência prosódica a despeito do acento do sufixo. São exemplos de compostos fonológicos palavras formadas com os sufixos *-mente* e *-(z)inho*, tais como *belamente*, *singelamente*, *cafezinho*, *rosinha*, entre outras. Os derivados fonologicamente simples, por sua vez, apresentam

uma única proeminência. Se o sufixo recebe o acento, a base deixa de ser acentuada (como em *cafezal*).

A diferenciação entre o que constitui um derivado fonologicamente simples e um derivado fonologicamente composto pode ser formalizada por meio de uma restrição de alinhamento. Uma vez que o segundo tipo de formação se caracteriza pela presença do acento na base, ao contrário do que acontece com o primeiro, uma restrição que demanda o alinhamento à direita, entre base e palavra prosódica, poderia estar atuante na distinção entre essas formações.

Vejam os tableaux que compara a avaliação dos dois tipos de derivados frente a essa restrição de alinhamento.

(7)

Emergência do Composto Fonológico

/[so] [mente]/	Align (β , R; PW, R)
☞ a. [sɔ]β ω [mente]ω	
b. [so]β [mente]ω	*

O tableau acima não evidencia competição via ranking. Serve unicamente para demonstrar como a restrição avalia os dois candidatos. O candidato (b), que é eliminado, não apresenta mais acento na base, de acordo com sua vogal média alta. Nesse caso, a base não está alinhada com uma palavra prosódica. Já o candidato (a) é vencedor porque cumpre a exigência da restrição de alinhamento, uma vez que sua base se alinha com uma palavra prosódica, pois é acentuada. A diferença entre os derivados e os compostos fonológicos é, portanto, a obediência à restrição de alinhamento, observada nos últimos. Para a emergência dos derivados fonologicamente simples, a restrição de alinhamento deve estar inativa.

Passemos, agora, à comparação entre os compostos fonológicos (a palavra derivada que contém dois acentos, como *belamente*) e os compostos regulares (formados de duas bases, e também dotados de dois acentos, como *pão-duro*). Ambos constituem palavras prosódicas recursivas; o que os distingue é o fato de que compostos regulares mantêm uma relação de um para um entre a base e a palavra prosódica enquanto os compostos puramente fonológicos não apresentam essa relação isomórfica. Observa-se, assim, nos compostos regulares, uma relação de um para um entre a palavra prosódica (ω) e a palavra morfossintática representada pelas bases (β), o que não se observa no composto fonológico.

(8)

- (a) [pão]ωβ [duro]ωβ
- (b) [sɔ]ωβ [zinho]ω

A questão do isomorfismo entre constituinte prosódico e constituinte

morfossintático está presente também na descrição sintática dos compostos. No mapeamento sintático, palavras simples têm correspondência de um para um entre elementos da estrutura profunda e da estrutura de superfície, como podemos ver abaixo.

(9)

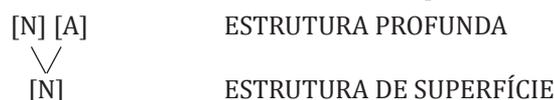
Comprei uma *mesa redonda* muito bonita.



No caso de palavras formadas por processo de composição, diferentemente, o mapeamento entre elementos da estrutura profunda e da estrutura de superfície mostra uma relação de dois para um, já que os vocábulos da estrutura profunda são reanalisados como um único vocábulo na estrutura superficial.

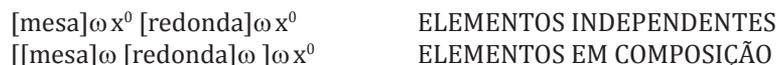
(10)

A *mesa-redonda* com o neurocientista foi o ponto alto do evento.



Os vocábulos rotulados como [N] e [A], no processo composicional, formam um terceiro elemento rotulado como [N] que, na cadeia sintagmática, ocupará uma única posição X^0 . Esse elemento, no entanto, apesar de representar um único átomo sintático, é constituído por duas palavras fonológicas, pois ambos os seus elementos são portadores de acento. Apresenta-se, pois, uma situação de falta de isomorfismo entre categorias; no caso, categoria prosódica e categoria sintática. Vejamos como os elementos são rotulados.

(11)



No primeiro caso, temos os elementos *mesa* e *redonda* constituindo átomos sintáticos independentes. A cada átomo, corresponde uma palavra prosódica, numa situação de isomorfismo entre categoria prosódica e categoria morfossintática. No caso seguinte, a situação de não isomorfismo se apresenta porque para o átomo sintático que constitui toda a palavra composta, temos duas palavras prosódicas.

Nesse aspecto, enquanto, no primeiro caso, o alinhamento entre categorias é mantido, no segundo caso, verifica-se um desalinhamento entre categoria prosódica e categoria sintática. Uma restrição de alinhamento pode ser um mecanismo adequado para capturar a relação entre a fonologia e a sintaxe na delimitação da fronteira entre palavras simples e palavras compostas. Essa

restrição, segundo supomos, demanda que à direita de uma palavra prosódica esteja alinhado um átomo sintático:

(12)

Align (PW, R; X⁰, R)

Alinhe a borda direita de uma palavra prosódica com a borda direita de um átomo sintático.

Abaixo, ilustramos a avaliação das duas estruturas apresentadas em (11) frente essa restrição de alinhamento.

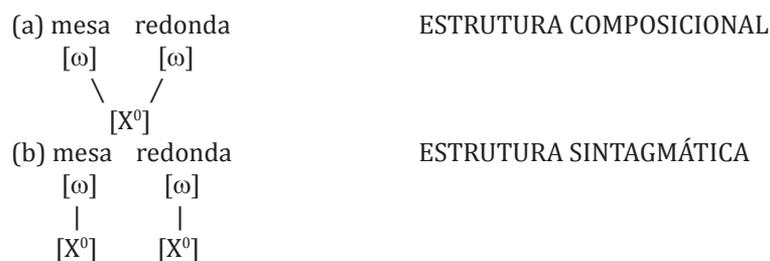
(13)

Representação do Composto

/ [mesa] _N [redonda] _A /	Align (PW, R; X ⁰ , R)
a. [[[mesa]ω [redonda]ω]ω x ⁰	*
☞ b. [[mesa]ω x ⁰ [redonda]ω x ⁰]φ	

A restrição de alinhamento, quando ativa, é responsável por banir a estrutura (a), que representa o composto. Isso implica dizer que a palavra composta é formada a partir do desalinhamento entre as bordas das categorias prosódica e sintática. O candidato (b), que não viola alinhamento, representa os vocábulos dispostos em uma estrutura frasal, onde cada palavra prosódica está alinhada a um átomo sintático. Nesse último candidato, a relação de isomorfismo é evidenciada, o que não se verifica no primeiro:

(14)



Conclusões

Nossa análise buscou representar uma alternativa aos estudos que lançam mão de níveis para a descrição da palavra composta em PB. Com base no pressuposto de que fonologia, morfologia e sintaxe atuam conjuntamente na composição, buscamos mostrar os pontos de convergência entre esses três componentes.

Na busca desse objetivo, o arsenal teórico de nossa análise foi ponto fundamental. A perspectiva otimalista, que rompe com a ideia de modularidade e que passa a relativizar o poder de princípios de boa formação, foi fundamen-

tal para que pudéssemos demonstrar as fronteiras entre a composição, de um lado, e estruturas maiores (sintagmas) e menores (derivados), de outro.

As restrições de alinhamento mostraram que podem refletir muito bem essas diferenças, caracterizando-se como um elo que liga fonologia, morfologia e sintaxe, uma vez que estão aptas a fazer referência a um e outro componente a um só tempo.

Além das restrições de alinhamento, as RDPs foram capazes de caracterizar as palavras compostas em nosso estudo. Nesse sentido, a grande questão girava em torno da caracterização prosódica dos compostos – construções que não estão previstas na hierarquia prosódica. A solução por nós adotada vai ao encontro da tendência atual, que busca afrouxar os princípios de boa formação da hierarquia, transformando-os alternativamente em restrições violáveis (Selkirk, 1995; Ito e Mester, 2003). Essa alternativa abre a possibilidade de ampliar a gama de formações que podem ser descritas dentro da hierarquia prosódica, sem a adição de novas categorias, além de poder explicar fatos de línguas particulares que aparentemente constituem violação aos princípios de boa formação. Pensamos que a criação de um novo grupo na hierarquia para dar conta da prosodização dos compostos seria um mecanismo por demais particularista, o que contraria a busca por universalidade em qualquer teoria linguística.

Nossos resultados, por fim, podem ser sumarizados nas linhas abaixo.

– Prosodicamente, compostos se caracterizam como uma palavra prosódica recursiva, violando a exigência de não recursividade das categorias prosódicas. Essa análise tem como pressuposto a decisão de conceber os princípios reguladores da hierarquia como restrições violáveis, passíveis de serem desobedecidas, portanto;

– No âmbito da morfologia, algumas palavras derivadas se caracterizam fonologicamente como compostas, uma vez que são dotadas de dois acentos. Esse tipo de formação se diferencia da derivação prosodicamente simples porque obedece à restrição de alinhamento Align (β , R; PW, R), apresentando uma relação isomórfica entre base e palavra prosódica;

– Os derivados fonologicamente compostos se diferenciam dos compostos regulares (que apresentam duas bases) pelo fato de que, nesses últimos, há complexidade morfológica e fonológica. Ou seja, para cada palavra fonológica, tem-se uma base, o que aponta para o isomorfismo entre morfologia e fonologia nesses compostos.

– A diferenciação entre compostos e sequências relacionadas sintagmaticamente pode ser formalizada pela restrição Align (PW, R; X^0 , R), que é desobedecida pelo composto e observada na relação entre elementos nos sintagmas.

Fechamos aqui este artigo, mas não este trabalho. Nossa pesquisa segue em andamento, explorando outras questões, e esses resultados são apenas parte de uma investigação mais ampla, que busca ampliar o entendimento sobre a relação entre formação de palavras e os constituintes prosódicos. Esperamos, com essas páginas, ter contribuído um pouco para a discussão acerca dos compostos em português brasileiro. ☐

BRAZILIAN PORTUGUESE COMPOUND WORDS: A PHONOLOGY-MORPHOLOGY-SYNTAX ANALYSIS

Abstract

Compounding is an interface phenomenon, since it involves phonological, morphological and syntactic information. Our general goal is to formalize this interaction in order to provide a non modular grammar of compounds, that is, a grammar which can show the interaction between phonological, morphological and syntactic factors. We make use of Prosodic Phonology and Optimality Theory as theoretical background in order to provide an answer the following questions: (1) from the point of view of the prosodic hierarchy, to what extent a sequence of words that forms a compound is different from a sequence of words that forms a bigger domain? (2) how can compounds be formally integrated in this hierarchy with a minimal cost to the theory? (3) how can compounding and derivation be differentiated? (4) from a syntactic point of view, how can compounds and phrases be differentiated? (5) which constraints are involved in the formalization of the grammar of compounds? The hypothesis which guides our study is that compounds have their own structure that differentiates them from other units. From the phonological point of view compounding will be defined as recursive prosodic word; their difference from syntactic phrases will be expressed as a violation of a specific alignment constraint. Equally, their structural difference as compared with derived words will be shown to be consequence of misalignment.

Keywords

compound words; word formation; prosodic hierarchy; prosodic domain constraints; alignment constraints

Referências bibliográficas

COLLISCHONN, G. & SCHWINDT, L. C. (2003) Teoria da Otimidade em fonologia. In: HORA, D. & COLLISCHONN, G. (orgs.) *Teoria linguística: fonologia e outros temas*.

ITO, J. & MESTER, A. Weak layering and word binarity. In: HOMMA, T.; OKAZAKI, M.; TABATA, T. & TANAKA, S. (eds). *A new century of phonology and phonological theory*. A festschrift for Professor Shosuke Haraguchi on the occasion of his sixtieth birthday. Tokyo, Kaitakusha, 2003.

LEE, S. H. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 1995.

_____. Sobre os compostos do PB. *D.E.L.T.A. Documentação de Estudos de Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo, v. 13, n. 1, 1997.

MORENO, C. *Morfologia nominal do português – um estudo de fonologia lexical*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

_____. A formação de compostos no português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.37, n.1, 2002.

NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht-Holland ; Riverton-USA: Foris Publications, 1986.

PEPERKAMP, S. A. *Prosodic words*. Den Haag: Holland Academic Graphics. HIL Dissertations, 34, 1997.

SELKIRK, E. O. The prosodic structure of function words. In: BECKMAN, J. et al (eds.) *Papers in Optimality Theory*, 439-70. Amherst, MA: GLSA Publications, 1995.

VIGÁRIO, M. Palavra prosódica e composição no português europeu. *XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Faro: Universidade do Algarve, 1999.

_____. *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

_____. O lugar do grupo clítico e da palavra prosódica composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. *XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006.

MCCARTHY, J. & PRINCE, A. Generalized Alignment: the prosody-morphology interface. In: BOOIJ, G. & MARLE, J. van (eds.). *Yearbook of Morphology 1993*, p.79-153. Dordrecht: Kluwer, 1993.

PRINCE, A. & SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint Interaction in Generative Grammar*. First circulated: April, 1993. ROA Version: August, 2002. Disponível em <http://roa.rutgers.edu>